

## Estudos sobre a época do bronze em Portugal

(Vid. *Arch. Port.*, xi, 179)

## V

## Lapide insculpturada da Defesa (S. Tiago de Cacem)

Havendo o Collector-Preparador do Museu Ethnologico, José de Almeida Carvalhaes, ido ao Alemtejo em Janeiro de 1908, participou-me que descobrira na herdade da Defesa, concelho de S. Tiago de Cacem, propriedade do Sr. Francisco Antonio da Cruz, de Grandola, uma curiosa lapide insculpturada, cujo desenho representava armas da idade do bronze. Escrevi immediatamente ao meu amigo Dr. Manuel Matheus, de Grandola, pedindo-lhe que obtivesse do Sr. Francisco Antonio da Cruz permissão para eu recolher a lapide no Museu e proceder a excavações na Defesa: a resposta affirmativa não se fez esperar.

Comquanto eu tentasse partir desde logo para o Alemtejo, para trazer a lapide e emprender as excavações, só o pude fazer em Março (1908). Aqui vou descrever a lapide, e contar as circumstancias do seu apparecimento.

\*

A lapide é de schisto, levemente cortada ou aparelhada num dos bordos, e irregular nos outros, ou porque não a aperfeiçoaram, ou porque com o andar dos tempos lascou. Mede de comprimento 1<sup>m</sup>,16, de largura maxima 0<sup>m</sup>,65 e de espessura 0<sup>m</sup>,55. (Fig. 1.<sup>a</sup>).

As insculpturas occupam uma das faces (estampa junta). Ahi se vê, ao lado esquerdo do observador, disposta obliquamente, a figura de uma espada, á parte superior da qual se ligam dois traços parallelos, que talvez representem as correias de suspensão d'ellas, ou talim. Á direita vê-se uma haste, que vem terminar junto da espada, haste certamente tambem de arma, a qual porém não posso definir: lança não, porque, comquanto a pedra esteja lascada d'aquelle lado, não era muito mais larga, e ficaria pois demasiado curta a lança; seria clava? Ao centro da pedra, pousada sobre os dois objectos mencionados acima, e collocada verticalmente, avulta uma arma, especie de machado, cuja lamina tem a fôrma de *pelta*, e cujo cabo tem um appendice semi-lunar que lhe serve de extremidade. As figuras estão dispostas de maneira que o conjunto apresenta o aspecto de panoplia, em tamanho natural.

Para se executarem as insculpturas procedeu-se assim. Na superficie da pedra, já de si mais ou menos plana, riscou-se o contôrno de cada



Fig. 1.<sup>a</sup>

Cat. 10299

objecto, e em volta desbastou-se a rocha, até que as respectivas figuras ficaram salientes, embora com pequeno relêvo.

A pedra appareceu por occasião de uma lavrada, pouco antes de ir á Defesa o Sr. Almeida Carvalhaes. Na occasião do apparecimento os trabalhadores partiram-lhe no bordo direito uma pequena parte, que se perdeu (em vão a procurei). Ella servia de tampa de uma sepultura de epoca historica. Vi ainda o resto da sepultura, e junto d'ella, em virtude de excavação a que procedi, encontrei outras, porém com tampas lisas. A descripção d'esta necropole publica-la-hei em occasião opportuna.

O importante monumento de que estou tratando pertence á classe já estudada n-*O Arch. Port.*, XI, 180-185: é a tampa da sepultura de um guerreiro da idade do bronze. O ter sido, muitos seculos depois, casualmente utilizada tambem como operculo sepulcral, foi que permittiu que ella chegasse até nós, pois só agora, como fica dito, se descobriu a nova necropole para onde os destinos a levaram.

A espada assemelha-se particularmente á da est. II, fig. 6.<sup>a</sup>, do meu citado artigo; ao passo que a maior espada de bronze que ha no Museu Ethnologico, provinda tambem do Alemtejo, espada nua, e já sem copos, mede de comprimento 0<sup>m</sup>,71, a que se figura na pedra mede 0<sup>m</sup>,83, differença que bem se comprehende, porque deve entender-se que o artista imaginou representar uma espada na bainha e com os copos revestidos de uma substancia, madeira, coiro, etc., essencialmente perecivel<sup>1</sup>. O machado mede 0<sup>m</sup>,69; o appendice semi-lunar figura o cabo do instrumento, para o punho se fixar, quando se segurava, e lembra o de uma espada da idade do bronze, de Sarry (França), desenhada no *Musée Préhistorique* de G. & A. de Mortillet, est. 74, n.º 848, e aqui reproduzido (fig. 2.<sup>a</sup>); cfr. punhaes da mesma idade no *Guide to the antiquities of the bronze age*, do Museu Britannico, pp. 70 e 89. O nosso instrumento, por estar completo, mostra que o desenho da est. II, fig. 7.<sup>a</sup>, do meu artigo, não representa um machado, mas tambem um cabo.

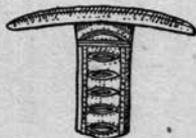


Fig. 2.<sup>a</sup>

\*

Apesar de o Sr. Almeida Carvalhaes e eu buscarmos pelo sitio, quer sepulturas da idade do bronze, quer outras lembranças d'essa idade, nada encontrámos.

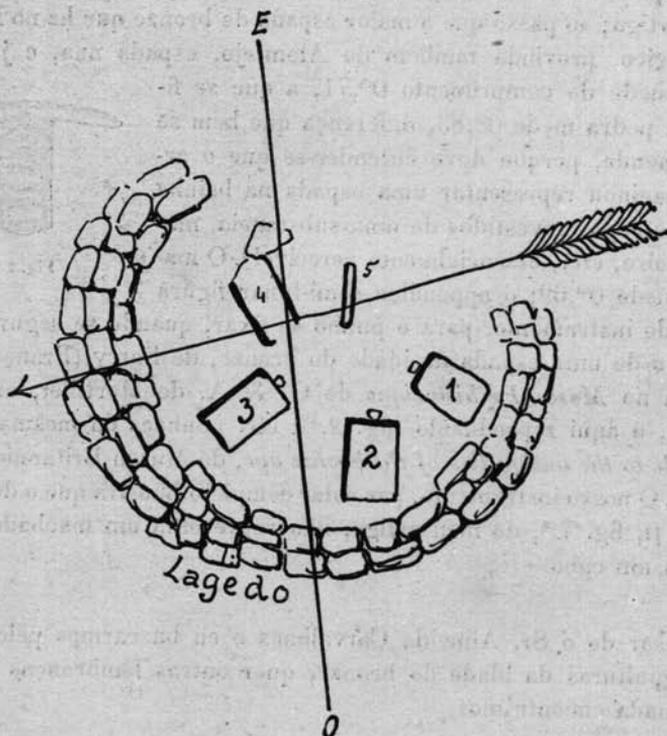
<sup>1</sup> Por outras obras de arte antigas, em que se representam armas, podemos saber como é que estas se encavavam, por exemplo, pela situla de Certosa e pelo cinturão de Watsch: vid. *Revue Archéologique*, 4.<sup>a</sup> serie, t. IX (1907), 15.

Ao terminar, cumpre-me agradecer novamente ao Sr. Francisco Antonio da Cruz o relevante serviço que prestou á archeologia nacional, e ao Dr. Manuel Matheus o haver-me posto em relações com tão benemerito cidadão, por cuja dádiva o Museu Ethnographico conta hoje mais um monumento que muitos museus estrangeiros desejariam possuir, pois não abundam as lapides do genero da nossa, a qual, nos singelos traços das figuras gravadas nella, projecta viva luz no passado, e num relance nos permite apreciar o armamento de um guerreiro da idade do bronze, e concomitantemente conhecer usos funerarios d'esse tempo, aptidões artisticas, e relações ethnicas com outros paes.

## VI

## Cemiterio de Panoias de Ourique

Nos arredores da antiga e extincta villa de Panoias de Ourique o terreno apresenta-se dividido em varios planaltos que se ligam uns

Fig. 3.<sup>a</sup>

aos outros por intermedio de valles. Este extenso conjunto de planaltos, outr'ora charneca, e hoje em parte plantado de olival, azinhal e vinha,

em parte destinado a sementeira de cereaes, denomina-se *As Mesas*. Tal denominação provém-lhe do seu aspecto, pois o povo da localidade chama assim metaphoricamente a qualquer planalto; tambem em espanhol se diz *mesa* uma «llanura extendida sobre una altura».

Ahi desenterrou em principios do anno de 1908 o Sr. José de Almeida Carvalhaes, Collector-Preparador do Museu Ethnologico, um cemiterio da idade do bronze, acêrca do qual me fez o seguinte relatorio:

«O cemiterio constava actualmente de cinco sepulturas: duas estavam já de todo arruinadas pelos arados das lavouras (n.ºs 4 e 5 da fig. 3.<sup>a</sup>), e tres ainda com tampas (n.ºs 1, 2 e 3), que jaziam bastante afastadas do seu primitivo lugar.

As sepulturas, todas ellas de fórma rectangular, feitas de lousas, achavam-se dispostas circularmente em um re-



Fig. 4.ª



Fig. 5.ª

cinto fechado por um lagedo, igualmente de lousas, assentes em barro amarello: vid. a citada fig. 3.<sup>a</sup> Á cabeceira de cada sepultura via-se um marco de pedra tosca, saído fóra da superficie do solo 0<sup>m</sup>,20.

Dimensões da parte interna das tres sepulturas que restavam intactas:

N.º 1—comprimento 1<sup>m</sup>; largura 0<sup>m</sup>,65; altura 0<sup>m</sup>,45;

N.º 2—comprimento 1<sup>m</sup>,10; largura 0<sup>m</sup>,55; altura 0<sup>m</sup>,44;

N.º 3—comprimento 1<sup>m</sup>,10; largura 0<sup>m</sup>,85; altura 0<sup>m</sup>,48.

Nas sepulturas n.ºs 1 e 2 não encontrei objecto algum. Na sepultura n.º 3 encontrei fragmentos de um vaso de barro, bojo e fundo,

aquelle ornamentado por fóra com sulcos longitudinaes e outros que os cruzam perpendicularmente: vid. fig. 4.<sup>a</sup>; tambem ahí encontrei dois fragmentos de loiça grosseira e sem ornamentação.

Duas das lousas que formavam as tampas das sepulturas n.<sup>os</sup> 1 e 2 tinham orificios de 0<sup>m</sup>,065 e 0<sup>m</sup>,08 de diametro um, e de 0<sup>m</sup>,11 o outro. Uma das lousas da tampa da sepultura n.<sup>o</sup> 3 tinha tres orificios, mais largos numa das faces da pedra do que na outra: os diametros oscillam entre 0<sup>m</sup>,01, 0<sup>m</sup>,007 e 0<sup>m</sup>,015 (abertura menor), e 0<sup>m</sup>,028, 0<sup>m</sup>,015 e 0<sup>m</sup>,02 (abertura maior). Vid. as figs. 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>

Fig. 6.<sup>a</sup>Fig. 7.<sup>a</sup>

Nem no local do cemiterio, nem proximo, existe lousa igual á empregada nas sepulturas e lagedo.

Parece ter havido mais sepulturas no mesmo local, dispostas em grupos como as que acabo de descrever, mas está tudo arruinado hoje.

O Sr. João Collaço offereceu-me para o Museu uma lousa em que se vê esculpida a figura de um machado de bronze: vid. fig. 8.<sup>a</sup> Esta lousa estava presentemente na parede de um poço, num quintal, mas provém do sitio das Mesas, de um cemiterio, completamente destruido ha 15 annos, com a sorrriba do terreno, e situado a uns 500 metros para NO. do actual; devia fazer parte de uma tampa de sepultura.

O Sr. Almeida Carvalhaes, com o seu costumado zêlo, obteve licença para se proceder a novas pesquisas nas Mesas; por isso, parti

para Panoias com elle em Março, e nos dias 24 e 25 realizámos no mencionado local algumas excavações archeologicas, do que resultou encontrarmos mais duas sepulturas abaixo da superficie do solo.

1.<sup>a</sup> SEPULTURA: Rectangular, formada de quatro lousas — tres postas de cutello, e uma a pino —, e tapada por uma lage que apresentava dois orificios arredondados (vid. fig. 9.<sup>a</sup>), um grande, de 0<sup>m</sup>,12

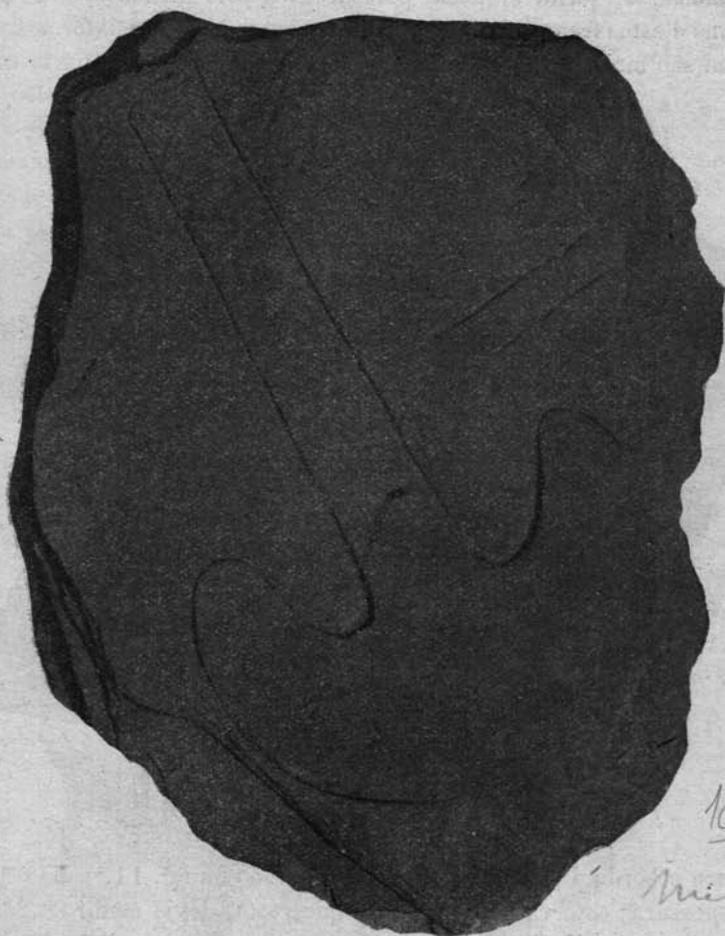


Fig. 8.<sup>a</sup>

de diametro, e outro pequeno, de 0<sup>m</sup>,025 de diametro, aquelle porém já em parte destruido (os buracos foram feitos antes de ser posta a pedra na sepultura, como se conhece de estarem nitidos os bordos d'elles na face que ficava para cima); o fundo da sepultura era o chão natural, não revestido de lage. Este caixão foi reforçado exteriormente por

lousas, postas umas horizontalmente, outras a pino, que não acompanham porém as paredes da sepultura até baixo (para a certa altura). Os intervallos, em *E*, *F*, *G* e *H*, são cheios de terra e pedregulho. Vid. esta disposição na fig. 10.<sup>a</sup> Sobre a tampa havia outras lousas, collocadas em camadas horizontaes.

Nos cantos *A* e *C*, a meio da altura, appareceram fragmentos ceramicos, de pasta arenosa, pertencentes pelo menos a dois vasos. Alguns d'estes fragmentos são grosseiros, mal cozidos, e informes. Dois porém são mais apurados, ligam-se entre si, e constituem parte de um

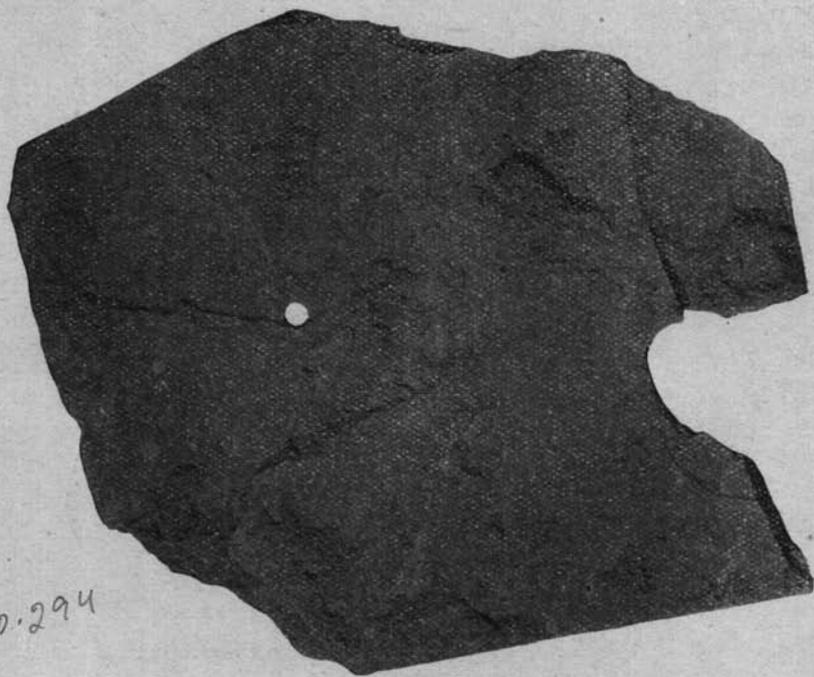


Fig. 9.<sup>a</sup>

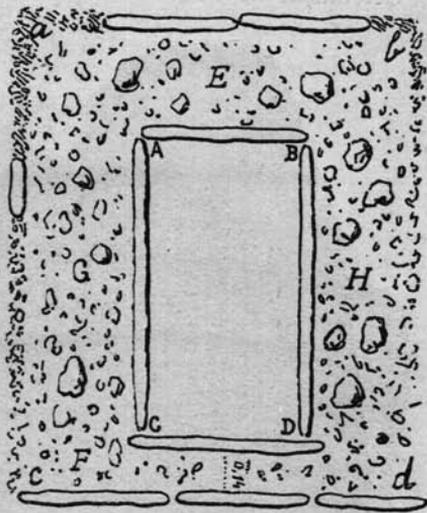
pescoço e bordo de vaso (vae um representado na fig. 11.<sup>a</sup>), de 0<sup>m</sup>,007 de espessura; este vaso, a julgar do que resta, devia medir 0<sup>m</sup>,235 de diametro no bocal. Todo o resto da sepultura estava cheio de terra.

Orientação do eixo maior da caixa: SO.-O. e E.-NE.

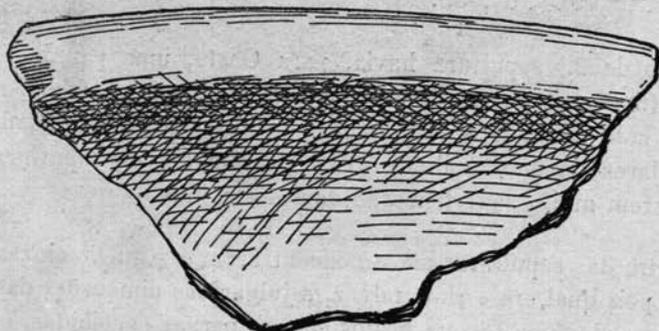
Dimensões:  $AB = 0^m,54$ ;  $CD = 0^m,52$ ;  $AC = 1^m$ ;  $BD = 0^m,94$ ;  $ab = 1^m,28$ ;  $ac = 1^m,59$ . A fórma primitiva da sepultura era mais ou menos rectangular, mas o aperto da terra produziu as differenças apontadas. Altura maior da sepultura 0<sup>m</sup>,50. Todas as pedras empregadas na sepultura e no revestimento são de lousa ou schisto, que

lasca em laminas logo que se lhes toca; espessura de algumas: 0<sup>m</sup>,06; 0<sup>m</sup>,015; 0<sup>m</sup>,045.

2.<sup>a</sup> SEPULTURA: Rectangular, formada de quatro lousas que se decompõem em folhas quando se lhes toca, e coberta por outras, uma das quaes (fig. 12.<sup>a</sup>), de 0<sup>m</sup>,59 × 0<sup>m</sup>,49 × 0<sup>m</sup>,035 de dimensões, tem um furo de 0<sup>m</sup>,06 de diametro, já em parte destruido, feito com golpes de instrumento cortante, só por um lado; outra lousa das que cobriam a sepultura, de 0<sup>m</sup>,93 de comprimento, 0<sup>m</sup>,785 de maior largura, e 0<sup>m</sup>,04 a 0<sup>m</sup>,07 de espessura, apresentava numa face numerosas covinhas, de 0<sup>m</sup>,03, 0<sup>m</sup>,04, 0<sup>m</sup>,05, etc., de diametro na abertura (fig. 13.<sup>a</sup>), feitas, ao que parece, por movimentos alternativos de rotação da ponta de um instrumento conico. A sepultura jazia pouco funda; logo ás primeiras sondagens se deu com a tampa. Este

Fig. 10.<sup>a</sup>

caixão estava revestido do Norte por uma lousa, que, como na sepultura n.<sup>o</sup> 1, não ia até baixo; dos outros lados devia ter havido mais, já porém não existiam. Entre a parede do caixão e a lousa do revestimento havia pedras accumuladas e terra. Vid. fig. 14.<sup>a</sup>

Fig. 11.<sup>a</sup>

No local marcado com o algarismo 1 appareceu, quasi á superficie, uma taça de barro negro, fig. 15.<sup>a</sup>, de typo semelhante ás que já figurei no primeiro artigo, est. 1, figs. 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>, mas sem ornatos; diametro

do fundo 0<sup>m</sup>,095; altura 0<sup>m</sup>,05; diametro da boca 0<sup>m</sup>,075; espessura das paredes 0<sup>m</sup>,006. Infelizmente o trabalhador que excavava a sepultura quebrou-a, apesar de trabalhar com um sachinho de mão, e de estar rodeado de cuidados. No interior da sepultura não se encontrou mais nada: só terra e seixos brancos. A taça achava-se entre a terra.

Orientação do eixo maior da caixa: N.-S.

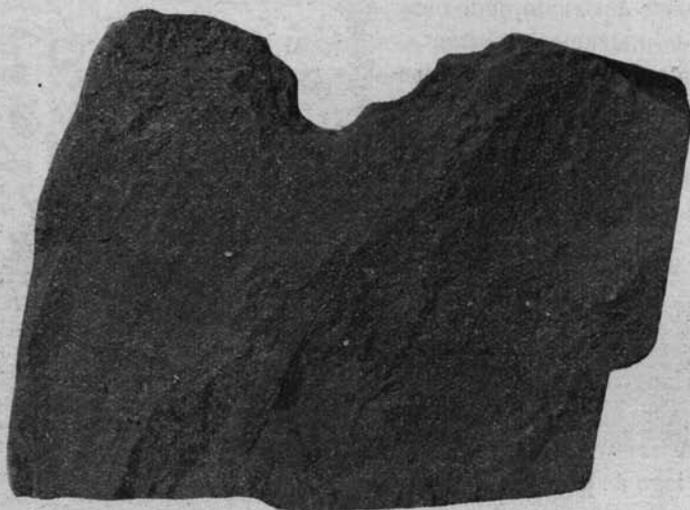


Fig. 12.<sup>a</sup>

Dimensões:  $ab = 1^m,10$ ;  $cd = 0^m,67$ ; altura interna: 0<sup>m</sup>,38; espessura de uma das lages: 0<sup>m</sup>,025.—A pedra da tampa furada mede: 0<sup>m</sup>,59 × 0<sup>m</sup>,49 × 0<sup>m</sup>,035.

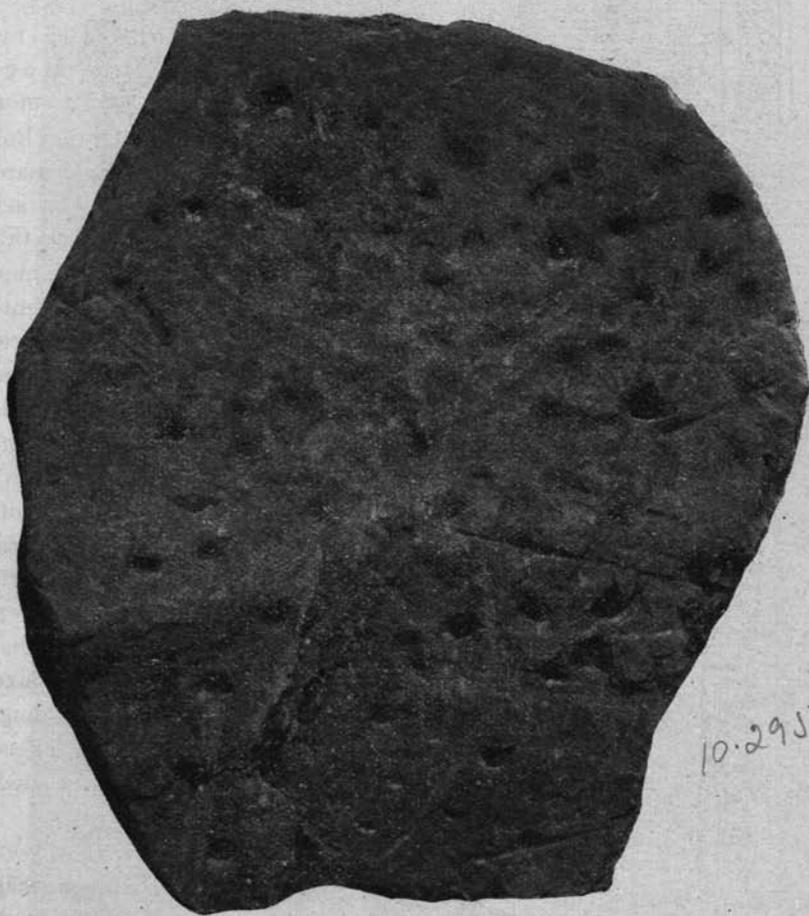
Junto da 2.<sup>a</sup> sepultura havia, para Oeste, uma parede formada por quatro lousas postas de cutello; esta parede devia fechar recinto, pois no lado paralelo a ella, viam-se pedras caidas, e nos lados perpendiculares tambem. Vid. fig. 14.<sup>a</sup> Deviam ser de sepulturas que, por estarem muito superficiaes, foram destruidas.

Dentro das sepulturas não se encontraram ossos nem cinzas, e não se sabe pois qual era o rito: talvez, a julgar das dimensões das sepulturas, os cadaveres fossem postos com as pernas encolhidas, como na Campina (vid. *Rev. das sciencias naturaes e sociaes*, IV, 57 sgs.,—artigo do Dr. Santos Rocha).

Na fig. 16.<sup>a</sup> dou a vista photographica de uma d'ellas; não posso dizer exactamente de qual, porque se perdeu o respectivo apontamento.

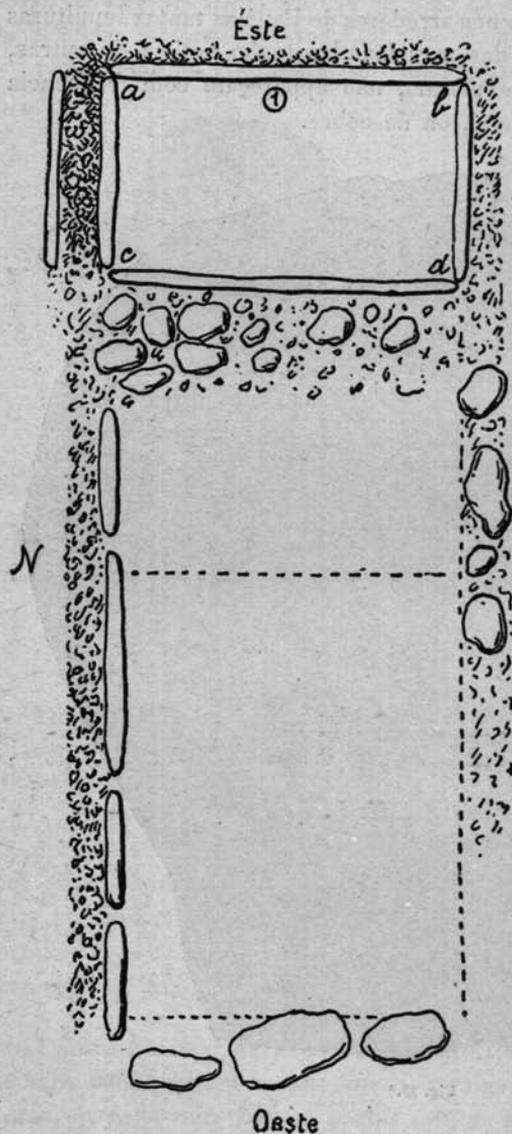
\*

É notavel que, existindo nos arredores de Panóias tantas sepulturas da idade do bronze (alem das mencionadas tenho noticia de outras, que a seu tempo tentarei explorar), não appareçam com frequencia no sitio artefactos d'este metal, ou de cobre.

Fig. 13.<sup>a</sup>

Por mais que procurei, só consegui que um ferreiro, a grandes instancias minhas, revolvendo os seus ferros velhos, descobrisse entre elles o fragmento de uma «cunha» que me cedeu, e que vae desenhada na fig. 17.<sup>a</sup>, em tamanho natural. Provém dos campos de Panóias.

Na citada figura represento por pontos a parte que pouco mais ou menos faltará; regulei-me para isso por um machado de bronze ou cobre, do mesmo feitio, achado no Algarve, e ora no Museu Ethno-



Oaste

Fig. 14.<sup>a</sup>

logico, machado cuja parte mais estreita coincide com o fragmento de Panóias. Este fragmento, segundo a analyse que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Severiano Monteiro, digno Director Geral de Obras Publicas e Minas, mandou fazer, «deve ser cobre impuro, com 0,3 por cento de estanho, o que é insufficiente para se considerar como bronze». O instrumento foi fabricado por fundição numa fôrma.

Alem do objecto de que fallei agora, soube que em certa casa tinha existido em tempos uma «cunha» de cobre ou bronze. Infelizmente o dono, que desejava offerecer-m'a, não a pôde encontrar.

Em vista do exposto, o pequeno fragmento desenhado na fig. 17.<sup>a</sup> adquire muita importancia, pois é o unico testemunho met-

allico que sobrevive da civilização do povo que na epoca do bronze habitou o aro de Panóias, e que ahi deixou bastantes vestigios de si.



Fig. 16.<sup>a</sup>

\*

Esta civilização já a vimos pelo meu primeiro artigo representada no concelho de Beja; agora vemo-la alargada para SO., no concelho de Ourique, pois ninguém deixará de reconhecer que, pelo menos a cerâmica dos dois concelhos, os instrumentos e a maneira de figurar estes nas tampas sepulcraes, pertencem a um e mesmo povo, ou a povos de uns e mesmos costumes.

Em Panóias achámos a mais as tampas furadas e as pedras com covinhas, o que não basta para estabelecer diferenças profundas; além d'isso a exploração das sepulturas do concelho de Beja não se fez methodicamente, e ninguém nos diz que lá as não houvesse também.

As tampas furadas relacionavam-se certamente com a crença na outra-vida (passagem das almas dos mortos pelos orificios, etc.): cf. *Religiões da Lusitania*, I (1897), 318-320<sup>1</sup>. Na mesma obra, I, 358-359, me referi a uma pedra provida de covinhas, como a de

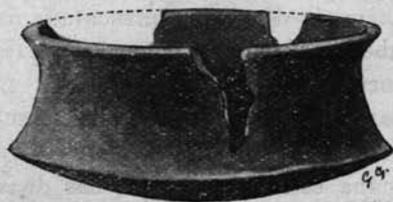


Fig. 15.ª

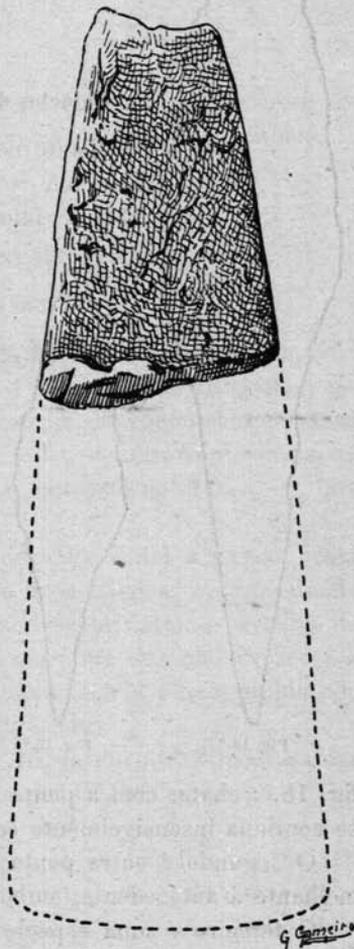


Fig. 17.ª

Panóias, apparecida dentro de um dolmen de Trás-os-Montes, o que estabelece conexão nos ritos funerarios; já depois de impresso esse

<sup>1</sup> Vid., alem d'isso, Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I (1908), 421; e Boissier, *La religion romaine*, I (1874), 301, onde se lê: «Une chanson clephte prête à un guerrier mourant ces mots que n'aurait pas désavoués un Romain de l'époque

volume se descobriu no Alto-Minho uma sepultura da idade do bronze (cobre), ao pé da qual estava uma lage tambem com covinhas<sup>1</sup> (hoje no Museu Ethnologico); de outras pedras com covinhas, de regiões em que havia estações da idade do bronze (Saboia), se falla na *Anthropologie*, XVIII, 659.

## VII

## Objectos de cobre em dolmens do concelho de Avis

Tanto nas *Religiões da Lusitania*, I, 21, 34, 36, 37, etc., como n-*O Archeologo Português*, I, 120 e 214, se falou de várias antas do concelho de Avis

descobertas e exploradas pelo Dr. Mattos Silva. Em algumas d'estas antas, a par de numerosos artefactos de pedra, appareceram artefactos de metal.

De um d'estes artefactos fala o Dr. Mattos Silva no citado volume d-*O Arch.*, p. 125: «dois fragmentos de uma lamina de cobre, de perfil curvo». Dos restantes vou eu dar agora noticia. São tres, que o mesmo illustrado Sr., e meu amigo, me permittiu estudar.

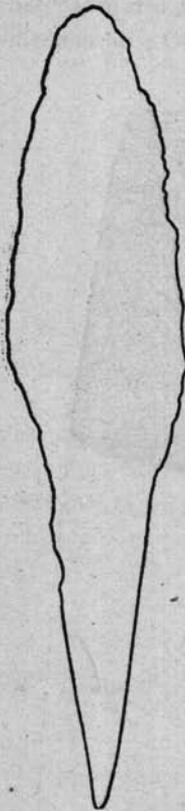


Fig. 18.ª



Fig. 19.ª

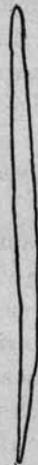


Fig. 20.ª

fig. 18.ª: chata, com a ponta já rombuda, e espigão comprido, o qual se continua insensivelmente com o corpo.

O segundo é outra ponta de seta, representada da fig. 19.ª: semelhante á antecedente, embora menor.

O terceiro é uma especie de agulha estreita, aguçada nas duas extremidades, mas mais numa: fig. 20.ª

des rois: *Mes fils, creusez-moi dans la montagne une tombe spacieuse où je repose tout armé et prêt au combat. Laissez-moi une petite fenêtre ouverte à droite pour que les hirondelles m'annoncent le retour du printemps et que les rossignols m'apprennent que mai est en fleur.* Este canto é extrahido de C. Fauriel, *Chansons populaires de la Grèce moderne*, t. I (1824), 56.

<sup>1</sup> *Portugalia*, II, 241-245 (artigo de José Fortes).

Todas as figuras (contornos) estão em tamanho natural.

Os objectos representados nas figs. 18.<sup>a</sup> e 19.<sup>a</sup> foram analysados no Laboratorio Chimico do Instituto Industrial de Lisboa: são de cobre. O objecto representado na fig. 20.<sup>a</sup>, visto que me não pertencia, receei que se deteriorasse, e não o submetti á analyse: é porém provavel que tambem seja de cobre.

\*

Do exposto conclue-se que os dolmens em que appareceram os mencionados objectos de cobre pertencem ao periodo chalcolithico.

J. L. DE V.

### Villa Nova de S. Jorge (Bragança)

#### Uma curiosa lapide inedita

N-*O Arch. Port.*, III, 127 sgs. e 148, me referi já a esta pequena povoação de Villa Nova de S. Jorge dos suburbios de Bragança, fazendo menção dos vestigios de dois castros que se encontram nas suas proximidades. Nessa occasião encontrei nella, á entrada da porta de um curral, parte de uma lapide funeraria, que está no Museu, em que se vê apenas a usual roseta.

No dia 11 de Agosto d'este anno de novo voltei a passar nesta povoação, de regresso de uma excursão archeologica, e, procedendo aos meus costumados inqueritos, vim a descobrir numa cortelha de porcos parte de uma lapide funeraria que este desenho representa com toda a exactidão, não a photographando por a photographia não reproduzir bem todos os signaes nella figurados.

É de granito fino. Tem de altura 0<sup>m</sup>,46; largura 0<sup>m</sup>,30; altura das letras 0<sup>m</sup>,04; distancia das letras regula por 0<sup>m</sup>,02; espessura 0<sup>m</sup>,10. A figura represento-a proximamente na escala  $\frac{1}{4,5}$ . A meia lua está em alto relevo e não tem mutilação alguma; as estrellas são de seis raios e gravadas, conhecendo-se mais distinctamente a de cima; as letras, da parte da inscripção que se vê, estão já um pouco gastas, mas lê-se sem grande difficuldade o nome indicado no desenho: BVRBAL.

Julgo esta lapide de alto valor para o estudo das religiões locaes, e lá está no Museu para ser observada pelos estudiosos, que a apreciarão, tanto mais quanto tomarem em consideração que Villa Nova, onde foi encontrada, é um ponto das faldas da serra de Montezinho, distante apenas seis kilometros da povoação de *Cova de Lua* (repare-se neste nome), onde ha *covas* (grutas ou cavernas) de onde se extrae a cal e se encontraram recentemente jazigos de bello alabastro,